

A negação em ‘jamais’

Mafalda Frade *

Abstract: In this work we intend to investigate the origins of the adverb ‘jamais’ and its semantical evolution. We will look to the expression that originate it – non + iam + magis – and the values of negation, time and intensity that it had. Then, we will observe the disappearance of the adverb ‘non’ and how the other words of the original expression absorbed its negative polarity. With this, we will try to understand its evolution until today and why this adverb, nowadays, implies both negation and time.

* Fundação para a Ciência e Tecnologia, SFRH/BDP/47528/2008

1. Introdução

Ao procurarmos definir de forma concreta o objecto de estudo do nosso trabalho, deparámo-nos com a existência, em Português, de inúmeras palavras e expressões que exprimem a negação. Algumas têm uma origem bastante clara e poucas dúvidas levantam quanto ao seu valor negativo – ‘não’, ‘nenhum’, ‘nulo’, etc. – mas outras há que exigem uma explicação aturada, pela evolução que se registou. É o caso, por exemplo, da expressão ‘nulla res nata’, em que a forma de particípio verbal, sofrendo um processo de gramaticalização, acaba por se converter, em Português, no marcador de negação ‘nada’.

Um processo semelhante sofre, em nosso entender, o advérbio ‘jamais’, cuja origem e evolução semântica são muito pouco referidas e analisadas. Por

essa razão, será objecto de estudo precisamente a forma ‘ja mais non’ e suas diversas variantes (como ‘nunca ja mais’), origem do advérbio ‘jamais’ que, a nível gramatical, apresenta uma duplicidade semântica – um valor aspectual e outro negativo – que provoca uma dualidade a nível da sua categorização/classificação: nas gramáticas normativas, ora é considerado um advérbio de tempo, ora é de negação, ou é apresentado com duas classificações em concomitância.

Tendo em atenção estes aspectos, procuraremos responder, assim, às seguintes questões:

- a) Qual a origem etimológica deste advérbio?
- b) Que sentido veicularia a expressão original de que é originário?

- c) Qual a origem do seu duplo valor – aspectual e de negação?
- d) Em que fase se terá cristalizado na língua portuguesa?
- e) O que sucedeu em outras línguas românicas?

2. Origem etimológica de ‘jamais’

Várias são as gramáticas históricas (e estudos etimológicos) que possuímos que são omissas relativamente à origem (ou sequer existência) e classificação de *jamais*. Sequeira (1938), José Vasconcellos (1911/1959), Silva Junior (1878), Martins (s.d.) e Mota (1937) são disso exemplo.

Todas as outras referem a existência do advérbio, embora nem sempre as informações que apresentam se revelem consensuais. Assim, Huber (1986) identifica ‘jamais’ apenas como advérbio de tempo e há quem considere ainda que tem origem na junção de *iam* e *magis*. Esta opinião é partilhada por António Vasconcellos (1900), Mattoso Câmara (1975 – refere que se trata de uma aglutinação), Nunes (1989), Horta (s.d.), Coutinho (1938) e Silva/Andrade (1887). Estes últimos classificam-no ainda como um advérbio de tempo e negação, no que

são corroborados por Sequeira (1938). Said Ali (1964), por seu turno, refere que este advérbio possui um sentido negativo, sendo sinónimo de ‘nunca’.

Dos dicionários consultados, retirámos, para além da informação etimológica, consensual em todos, a informação de que a origem de *jamais* poderá remontar ao latim vulgar (Machado (1977) e Houaiss (2003)) e que é utilizado, na Idade Média, como partícula de reforço, para além de se associar a uma partícula de negação (Bloch (1968), Nascentes (1952), Machado (1977), Monlau (1946)). Corominas (1984) e Monlau (1946) notam que, embora passe a denotar uma negação, mantém o seu sentido positivo em alguns contextos¹.

Parece assim consensual que o advérbio *jamais*, tal como o conhecemos, provém de um sintagma adverbial de origem latina que integra um advérbio de tempo – *iam* – e um advérbio de intensidade – *magis*².

3. Considerações semânticas

3.1 O aspecto

¹ Por exemplo, em frases dubitativas, como ‘castígueme el cielo, si jamás he pensado engañarte’.

² Várias são as tipologias de formação de advérbios, entre as quais encontramos a formação advérbio + advérbio (Sequeira, 1943: 170-175).

As gramáticas normativas do Português contemporâneo classificam ‘jamais’ sobretudo como um advérbio de tempo, não especificando a duplicidade semântica que ainda hoje lhe é característica.

Originalmente, contudo, a expressão de origem latina é semanticamente mais complexa.

Iam é um advérbio de tempo e, em termos de aspecto, tanto pode ter usado no passado (já), como no presente (agora) ou no futuro (em breve). Como base de ‘jamais’, cristalizou a noção aspectual do advérbio, a que devemos acrescentar, em português, uma noção de intensidade. Esta noção foi-lhe transmitida pelo advérbio que, em correlação com *iam*, o formou: *magis*.

Originalmente, em latim, *magis* é um advérbio de intensidade na forma do comparativo de superioridade (muito – *mais* – máximo) que partilha o radical de *magnus*. Era usado no comparativo de adjectivos terminados em *-eus/-ius/-uus* (*magis idoneus*, por exemplo (Ernout (1945: 125), que não seguiam a regra canónica de formação de comparativo e superlativo (terminação em *-ior* e *-issimus*, respectivamente). Com estes adjectivos, assim, utilizava-se *magis* para o comparativo de

superioridade e o advérbio *minus* para o comparativo de inferioridade (este último usava-se com todos os adjectivos: *minus idoneus*, como *minus fortis*). Com a evolução da língua latina, este paralelismo passa a ser regra e *magis* passa a ser commumente utilizado no comparativo adjectival (função que continua a desempenhar actualmente), em detrimento da forma canónica, em *-ior*, e adverbial (em *-ius*), como vemos através dos seguintes exemplos (Ernout/Thomas, 1972: 172):

magis lubenter (Pl. Mo. 157 – devia ser *lubentius*),

magis argutum (Tri. 200)

magis mirabiles (Cic., Or. 39)

Para além disto, em alguns testemunhos, é acrescentado, de forma redundante, a comparativos de superioridade regulares³, deixando assim entrever o seu sentido intensificador⁴:

magis maiores nugas (Pl., Men 55, prol);

³ Casos sobretudo de língua falada, segundo Ernout/Thomas (1972: 173).

⁴ Segundo Ernout/Thomas (1972: 167), o comparativo latino é uma forma intensiva: “en tous cas exprime que la qualité possède présente une certaine force, d’importance du reste variable et non définie.”

magis suspensiore animo (B. Afr. 48,3);

quo magis ex meliore uino (Vitr. 7.10.4)⁵.

Em textos antigos surge, já na forma 'mais', sem termo de comparação e em relação estreita com outro advérbio, adjectivo ou verbo. Isto implica que, nestes casos, é usado apenas com um sentido intensificador simples, semelhante ao que veicula o comparativo latino (Cruzeiro, 1973: 404).

Vejamos alguns exemplos:

Ca per Amor cuyd'eu mais a valer (Cantiga de Amigo)⁶

"Sabham quãtos esta procuraçom virê que nos dom Lourence stevez Prol/sic e Cõuêto do Monsteiro de villarinho do Arçebispado de bragaa sendo Juntos no dicto Monsteiro en Cabidóo per Campãa tanguda assi com/sic de nosso Costume pera esto que se adeãte segue fazemos nosso procurador auõdoso assi cõmo el **mais compridamente** pode seer Affonso gil morador en

Guimarãães nosso famíliairo... (Textos Notariais. Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI)

E ainda nom pus tam grande femença como compria, e esto por o acabar **mais cedo** (Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram)

E no tempo que razoadamente se deve fazer, bem he fazerensse muyto mais largas despesas que as ordenadas, ataa onde o feito demandar e cada hûu **mais poder** per boos camynhos percalçar. E porem muyto com grande avysamento perceber de nom cair em mayores fallicimentos, querendosse guardar doutros nom tam grandes, e assy soportar algûas cousas contra sua voontade e prazer dos outros que sempre mais satisfaça ao que somos obrigados, segundo deos, de cumprir e nos guardar. (Leal Conselheiro, 1437-1438)

E nota, segundo Agostinho, que " Cristo nom veo **mais cedo** por tal que o homem da lei da natura e da lei scripta fosse concluso e

⁵ *Ibidem*.

⁶ Nunes, 1926-28: 230, 11.9, 10.

vencido; (Livro de vita Christi, 1446)

#LVII - Que quanto a pessoa he **mais rica** de graças, tanto sse mais deve temer que lhe nom faleçam as vitalhas e sprituaaes, (Castelo Perigoso, 1400-1500)

tomaraõ a carne do calneiro ou do porquo fresquuo & picala am muito picada. como pera os pastes e **mais** se **mais poder** ser e laualação & deitalam em hũa panela (Tratado de cozinha portuguesa, 1400?)

Pois tornemonos, (...) ca ainda nom havemos i feito per que valhamos **mais**. (A Demanda do Santo Graal, cópia do século XV)

Como o cavaleiro derribou Persival e Galvam e se queria já partir. Depós esto, sem **mais tardar**, leixou-se correr ûûao outro e feriram-se tam riço que foram ambos mal treitos. (A Demanda do Santo Graal, cópia do século XV)

Assim sendo, parece-nos que, no caso de *iam* + *magis*, este último advérbio junta-se à base para intensificar o seu

sentido aspectual. É com esta noção intensificadora que surge em textos como os que a seguir se apresentam:

E sse conssiirmos cam pouca folgança de taes cousas fica, e a obrigação de tanta perda spiritual e temporal, **ja mais** nom pensso que, onde boa teençom reinar, possa caber tal tristeza, (Leal Conselheiro, 1437-1438)

Aqui he de conssiirar como por nossa myngua leixamos d'aprender, saber e praticar virtudes, boas manhas pera a alma e pera o corpo, e perdemos muyto tempo que **ja mais** cobrar nom poderemos. (Leal Conselheiro, 1437-1438)

Seu cavalo corra tanto que nom podia **ja mais** andar que de passo, nem se movia por golpe d'espóra. (Vida e feitos de Júlio César, 1400-1500)

Assi me Deus conselhe: se vós vísseades as maravilhas que eu vi, nom cuido que **ja mais** houvésseades prazer. (A Demanda do Santo Graal, cópia do século XV)

E ainda mais digo: que **ja mais** **nom** tornarei aa corte, por cousa que avenha ante que melhor e mais a meu prazer veja o que ora vi. (A Demanda do Santo Graal, cópia do século XV)

De notar, aqui, que esta expressão é utilizada, entre outros, para intensificar até o advérbio ‘sempre’ (ele próprio veículo de uma noção aspectual), parecendo ser encarada já como um todo:

Dou ainda *e* outorgo aas ditas meoressas *e* a todos seus sucessores eno dito moesteiro o dito *canpo con* entradas *e* seidas et forças *e* *perteenças*, que o possan possuir en jur de herdamento *pera* **senpre ja mais**. (documento notarial e poético de Santa Clara de Santarém, séc. XIII/XIV)

aforamos a vos, Afonso Lopes de Gualdo, notario, vesião de Vjueiro,& a uosas uoses enna meatade & a vos, Rodrigo Ares, morador en San Pedro de Vjueiro, & a vosas voses enna outra meatade para **senpre ja mays** a terça parte entregamëte de todos los beës & herdamëtos & aruores & bouças & vedros &

herança... (Textos Notariais. História do galego-português, 1401-1500)

porlas quaes cassas o cabidoo da dita igleia de Lugo me ha de faser de cada anno para **senpre ja mays** hûa prosisson en dia de Santa Agata cada anno de que an de auer des et seys mrs de moneda bella cada anno por cada proçisson; (Textos Notariais. História do galego-português, 1401-1500)

E logo em esse pomto o tornou a febre comtinoa e, o noviçio falando, finousse o fraire que o servia e depois de pouco tempo fez o sua fim o dito noviçio *pera* **sempre ja mais**. (Crónica da Ordem dos Frades Menores, 1209-1285)

se o mundo contra mjn for e se o maaõ enmijgo contra mjn se assanhar, se a carne muito cobijçar, **sempre ja** mais ã ti sperarey, meu senhor Jesu Cristo. (Virgeu de consolaçon, séc. XV/XVI)

E assi temperava e castigava nom soo a si mais ainda aas

companheiras, tirava de muitas vaaidades e acrescentava em virtudes. Sempre **jamais** houve em avorrecimento, trajos desonestos e curiosos e amava em elles muito a honestidade, simpreza e humildade. (Flos sanctorum (Flores de direito), 1513)

Quê podeer tanto cõssiguo precure ssa lyberdade mas eu nam posso comyguo nem posso mudar vontade. Com todo mal que façaes. nem me fazeys amores **sempre ja** mays nam quero nojos que days poys me podeys dar merçes. (Cancioneiro de Resende, 1516)

Del que de vos me vençy & por vosso me quisestes **sempre ja** mays vos seruy no rrySCO que me posestes. (Cancioneiro de Resende, 1516)

Vemos assim, pelos exemplos dados, que a expressão ‘ja mais’, nas suas diversas formas, assume uma noção de intensificação que o advérbio ‘já’, por si só, não possui, e que terá contribuído para que o advérbio ‘jamais’, a nível aspectual, ocorra num intervalo aberto, não sendo

delimitado em termos de fronteira, ao invés de localizar concretamente o processo verbal no tempo (como faz, em alguns casos, ‘já’).

3.2 A negação

Contudo, este sintagma adverbial ‘iam magis’, de base aspectual concomitante com a ideia de intensidade, não é suficiente para explicar a relação entre o advérbio ‘jamais’ e a noção de negação que ele vem a veicular em português. E, de facto, ao analisarmos testemunhos remanescentes, apercebemo-nos de que o sintagma ‘ja mais’ é associado, com uma frequência altíssima, a um item negativo como non/nom, nã ou nunca, por exemplo. Isto demonstra, assim, que é uma expressão utilizada, em particular, para intensificar uma frase de polaridade negativa:

E tu coaJuda de deus aueras esta Requeza espiritual que he uerdadeira. mais as Requezas teporaes que mais dapna os seus amigos que lhes aproueita cõ Razõ som chamados grande mjngua e proueza. aas quaaes fogiram os meus Jrmaos e as trilhara soos seus pees come seu e migo

mortal. E porë nõ pode seer que as Reçebam **Ja mais**. (Barlaam e Josephat, 1300-1400) (1967)

Se tevermos sempre este pensamento, nom haveremos cousa algũa por pesada, mas, per o contrario, haveremos em todo muito deleito; e aquelo que semelhava trabalho **ja mais** nom no lo parecera, mas quanto maior for e mais acendido, tanto sera a nos cada vez mais doce e delectoso". (Livro de vita Christi, 1446)

E queria-se meter em huû deserto que era antre ele e ho porto onde avia de embarcar pera veer sua molher. Seu cavalo correra tanto que nom podia **ja mais** andar que de passo, nem se movia por golpe d'espora. (Vida e feitos de Júlio César, 1400-1500)

como se mostra em j. aos corinthios na viij. capitollos Se meu mantijmento escandalliza ameu prçximo

nunca **jamais** comerey carne. (Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce - Gonçalo Garcia de Santa Maria, 1497)

E, como porcos, aa calcada os matarom todos aas lançadas, que nom ficou nenhuũ. A qual cousa, com a graça de Deos, esforçou muito aos portugueses que **jamais** nenhuũ nom olhou pera fugir, ante deziam que todos queriam morrer como homës, que morerem como porcos como aqueles que fugiram morrerom. (Crónica do condestável Nuno Alvarez - 1431)

E a terceira por querer complazer a estas ambas e as de todo concordar, o que fazer nom pode por seer batalha que nosso senhor deos nos ordenou por nosso proveito, faz seguir as virtudes tam friamente que **ja mais** nunca trazerá aquel que per tal voontade se governar a nem huû boom

estado. (Leal Conselheiro,
1437-1438)

vos recontey algûas praticas
que meus irmãos e eu, per
graça e mercee de nosso
senhor deos e de sua madre
nossa senhora sancta Maria,
guardavamos ao muy
vytorioso, digno de grande e
louvavel memoria El Rey,
meu senhor e padre, cuja
alma deos aja, per as quaaes
avyamos recebido tal graça,
que **ja mais** antre nos nom
fora desacordo nem
afloxamento de grande
amor. (Leal Conselheiro,
1437-1438)

E sabede que, quando
Lançarot o fez cavaleiro,
que se nom pôde sofrer de
chorar porque sabia que
todalas partes era de grande
guisa que nom podia de
maior seer e havia tam pobre
festa e tam pequena ladiça
em sua cavalaria; nem el
nom no podia **ja mais** cuidar
que pudesse vïir a tam gram
cousa como pois veeo. (A
Demanda do Santo Graal,
cópia do século XV)

E nom é gram maravilha se
eu hei gram pesar ca nunca
rei cristão houve tantos
cavaleiros nem tantos
homëes bõos aa sua mesa
como hoje eu hei, nem
haverá **ja mais**. E por esto
me temo que **ja mais** nom
seram assûados aqui nem
algur como ora som. (A
Demanda do Santo Graal,
cópia do século XV)

Si, disse ela, ûu meu primo,
cõirmão de meu padre,
herdou de quanto i havia,
afora û castelo que lhe ficou,
e, se me podesse prender, ja
mais lhe nom sairia da mão
ataa que sua terra houvesse
cobrada. (A Demanda do
Santo Graal, cópia do século
XV)

Tam cruel pena consento
que me sam mortal
ynimyguo mas que cale meu
tormento os sospiros do que
sento vos dyram o que nam
dyguo Ho morte de mym
querida nã queyrays **ja mais**
tardar poys que vyvo sem ter
vyda (Cancioneiro de
Resende, 1516)

Tinha prudência tã bem
fortaleza amaua justyça cõ
gram temperança fee
caridade tam bem esperança
nele morauam con toda
firmeza ornaram no estas de
grande rryqueza & nunca **ja**
mays o deyxarã na vyda na
morte lhe deram tamanha
franqueza que grorea por
sempre rreçebe comprida.
(Cancioneiro de Resende,
1516)

Alguûs matã carne de toda
maneira saluo de boy nẽ
vaca. Dos quaaes se em
aquelles lugares alguû
matasse nẽ ferisse seria
delles morto. Outros ha hy
que **jamais** nõ comẽ carne
nenhũa. (O trallado da carta
de huu genoues das ditas
terras - Jerónimo de Santo
Estevão, 1502)

e, senão, sejam-me
testimunhas quase todos ou
todos os estados desta vida,
que, com os descontos que
cada um deles tem, **jamais**
vi ninguém contente daquele
em que por sorte vive.

(Saudades - Gaspar
Frutuoso, 1522-1591)

No entanto, é notório, pela presença
do item de negação, que, no
português arcaico, esta expressão não
era um item de polaridade forte. De
facto, revela-se lexicalmente
ambígua: apesar de intensificar
contextos negativos, através da co-
ocorrência com uma partícula
negativa, não deixa de ser um item de
polaridade fraca, na medida em que
pode ocorrer também em contextos
positivos, sem que lhe seja associado
qualquer valor de negação. É o que
acontece nos seguintes casos, por
exemplo:

Averees vos de receber tal
dom? Quem vos teera **ja**
mais por boõs, nem quem
podera cuidar que vos
feristes golpe na batalha de
Thesalia? (Vida e feitos de
Júlio César, 1400-1500)

Porem começando **ja mais** a
atear-se este amor entre eles,
cevando a alma somente no
gosto da vista, ... (Crónica
do imperador Clarimundo -
João de Barros, 1520)

E que minha senhora a deua
assi auçar & lhe dar tal
estado. Esta he **ja mais**
hõrrada em huê pouco de
tempo que a seruiu. (O
espelho de Cristina -
Christine de Pisan, 1518)

E, sendo tão impropio nesta
linguagem, fica **ja mais**
natural que gorgear, o qual
trouxe algum Frances a
terra, como chatinar que
agora é novamente
descoberto. (Rópica pñefma
- João de Barros, 1532)

- Filha, o Senhor Deos que
he todo poderoso te dee
comprimento de Sua graça e
bençom e que sempre
jamais lhes sejas leal
servidora e que sempre
tenhas desejo de melhor e
mais o servir. (Flos
sanctorum (Flores de
direito), 1513)

A este nível, encontra-se em
igualdade de circunstâncias com
indefinidos negativos (como *nehũu*) e
minimizadores (como *nada*) que,
podendo co-ocorrer com itens
negativos, não deixam, na época

medieval, de poder ser legitimados
em contextos positivos. (Martins,
1997: 183-186, 192-193).

4. A gramaticalização de ‘jamais’

Depois de aparecer em co-ocorrência
com itens de valor negativo, o
sintagma *ja mais* acaba, num estágio
mais avançado da língua, por começar
a ocorrer isolado, em situação pré-
verbal, não necessitando de item de
negação para poder dar origem a uma
interpretação negativa da frase⁷.

De facto, a partir de determinada
altura, passamos a ter testemunhos em
que surge isolado em frases de
sentido negativo, o que implica que
absorveu a polaridade negativa
própria dos itens de negação. Esta
mudança, contudo, não é linear: como
se vê pelos exemplos dados, já há
testemunhos quinhentistas, ainda que
escassos, da sua ocorrência, o que
implica que se verificava, na época, a
par da utilização do sintagma *ja mais*
nom (demonstrativo da ambiguidade
que se terá gerado). Contudo, só dois
séculos mais tarde o advérbio ‘jamais’
começa a ser usado isoladamente de
forma mais consistente:

⁷ Em posição pós-verbal, e tal como acontece
com nenhum, nada, ninguém, continua a co-
ocorrer com um item negativo.

Os homës daquella terra cõ
hûa soo molher se cõtentã. E
todos daquella terra assy
homës como molheres ferrã
ho corpo cõ Nycolao
Ueneto. \ Folio lxxxiiij. a
ponta de huû ponçõ de ferro.
& lançã em aquellas feridas
coores desuairadas que
jamaiz se podem desfazer.
& assy sempre ficam
pintados. (Ho liuro de
Nycolao veneto - Poggio
Florentim, 1502)

E as cimeiras e letras sãõ
estas. El-rey levava por
cimeira huns liames de nao
pola raynha Dona Lianor sua
molher cheos de pedraria e
dezia a letra: Estes liam de
maneira, que **jamaiz** pode
quebrar quem co elles
navegar. (Vida e feitos d'el-
rey Dom João Segundo -
Garcia de Resende, 1533)

Nãõ quis continuar com a
milicia, porque se nãõ pode
achar paz em a guerra, & de
mais disto me pareceo cousa
mui nescia nãõ pellejando
pola patria, ou pola honra
propria, ou por algũa outra

legitima causa, vender da
propria vida por qualquer
preço, porque a nãõ tendo o
homem mais que em hûa so
pessoa, julguei que a nãõ
podia pagar todo o ouro que
ha feito, & **ja mais** fara a
natureza. (Diálogos -
Amador Arrais, 1589)

- Nasce, sereno Sol, puro e
luzente;/ resplandece,
fermosa e roxa Aurora,/
qualquer alma alegrando
descontente;/que a minha,
sabe tu que, desde agora,/
jamaiz na vida a podes ver
contente,/ nem tãõ triste
nenhũa outra pastora (Rimas
- Camões, ed. de 1598)

Nao menos fez o Infante
Santo, D. Fernando, filho de
el-Rei D. Joao I, que no
cerco de Tanger, por
salvação dos seus, se deu em
refém aos Mouros, os quais
vindo em concerto com el-
Rei D. Duarte, seu irmao
(que neste tempo reinava)
que se entregasse Ceuta pela
liberdade do Infante, ele
Infante **jamaiz** o consentiu.
(Paralelos de Príncipes -

Francisco Soares Toscano, fl
1623)

Sete, ou outo officiais
mayores de Mar, e de
Guerra, concorrerão juntos
em sua Capitana. Não me
esquecerão **ja mais** as
palavras com que delle
fomos despedidos,
(Epanaphora politica
primeira - Francisco Manuel
de Melo, 1637)

Polónia se vai dispendo à
união e defesa, mas
vagarosamente; e o Turco,
segundo referem os avisos
de Veneza, fabrica em toda a
parte o maior poder naval
com que **jamais** as suas
armas se viram no mar.
(Cartas - Padre António
Vieira, 1626-1692)

Nunca temi ser importuno
nos agradecimentos, porque,
como é fruta que o mundo
ve tão de tarde em tarde,
jamais enfastia. (O hospital
das letras - Francisco
Manuel de Melo, 1657)

§. II. 1. Succedeo ha pouco
tempo a reclusão de certo
Estrangeyro aos carceres do
Santo Officio, e achãdome
por aquelles dias em huma
conversação de homens
sabios, como a pratica [1 1]
de muytos seja bruxula, que
ja mais se affirme em parte
determinada, entre outras
materias de sciencia se veyo
alli a fallar, por causa
daquelle successo, da
Sciência Cabala, (Tratado da
sciencia cabala, ou Noticia
da arte cabalística -
Francisco Manuel de Melo,
1724)

Era tão hydropica a sede de
ganhar almas para Deos, que
ja mais se achou saciada,
nem extinguido aquelle zelo,
com que procurava a
salvação eterna de seus
proximos. (Desgravos do
Brasil e glórias de
Pernambuco - D. Domingo
do Loreto Coutto, 1757)

li com reflesão o que me diz,
e devo dizer a Vossa
Senhoria que eu antes de dar
algum passo devo dizer-lhe,

que hum Lente da Universidade do conceito de Vossa Senhoria não he Tribunal condigno para hir ocupar, e seria reparavel por todos os principios, que **ja mais** foi algum para lá senão por descarte e outros por castigo politico, (Pina Manique e a Universidade de Coimbra - Diogo Ignacio de Pina Manique, 1781)

Através dos testemunhos, é possível, então, perceber que o advérbio ‘jamais’ se formou a partir da expressão sintagmática com valor negativo *base aspectual (ja) + advérbio de intensidade (mais) + item de negação* que depois se reduz, provocando a coalescência do item de negação e dando origem a um novo advérbio - ‘jamais’ -, que passa a veicular explicitamente a polaridade negativa que não lhe pertencia originariamente, assumindo um duplo valor, aspectual e negativo, a que se junta a intensidade⁸.

⁸ Esta mesma ideia é sugerida por Nascentes (op. cit.), Machado (op. cit) e Monlau (op. cit.), que referem um estudo de Júlio Moreira (Estudos, II, 58), que defende que ‘jamais’ adquiriu um valor negativo devido ao enfraquecimento da partícula negativa,

Na prática, assim, este advérbio sofre um processo de gramaticalização semelhante ao que ocorre na expressão ‘nulla res nata’. Nesta última expressão, onde há uma cristalização a nível da posição que cada elemento ocupa na cadeia sintáctica, o item de negação, em posição inicial, é elidido, dada a frequência com que a expressão ocorre em contextos de polaridade negativa. *Res nata* cristaliza-se, assim, bastante cedo como expressão veiculadora de polaridade negativa. E mais tarde, conhece ainda outra mudança: *res* desaparece e o valor de negação, em português, é atribuído a ‘nada’, que hoje subsiste não como particípio passado (a sua categoria original, em latim), mas como marcador de negação (*rem*, com o sentido negativo, permanece, por exemplo, no francês: *rien*; provençal: *ren*).

Em ‘jamais’, o processo é idêntico. De facto, e apesar de, ao contrário do que sucede com a expressão ‘nulla res nata’, o item negativo não ocupar posição fixa – tanto surge em posição anterior como posterior a ‘ja mais’,

absorvendo o seu conteúdo semântico, o que permitiu o seu desaparecimento.

podendo ainda surgir intercalado por outras palavras – a contiguidade sintáctica dos diversos elementos provocou uma alteração da sua relação, produzindo a coalescência do item negativo e a incorporação do seu sentido negativo pelos advérbios adjacentes (Hopper & Traugott: 2003, 87) que passam a formar, tal como acontece com ‘res nata’, um corpo autónomo, neste caso, um novo advérbio.

Este mesmo percurso foi seguido por outras línguas⁹, que apresentam também uma forma originária de *iam* + *magis*:

Francês - jamais

Provençal - jamai

Espanhol – jamás

Galego - xamais

⁹ Perante esta diversidade, consideramos que é provável que este advérbio tenha surgido, como defende Machado (1977), já tardiamente, no latim vulgar, originando depois formas similares em diversas línguas. Preferimos esta hipótese à sugestão levantada por Corominas (1984 – corroborado por Alvar/ Pottier, 1983: 335 – de notar que é uma hipótese levantada, mas não corroborada por testemunhos concretos) que pondera a hipótese de esta forma derivar do occitano, por se tratar de um termo sobretudo conhecido literariamente. Parece-nos mais verosímil, contudo, pela semelhança entre os termos e pelo comportamento do advérbio latino *magis*, que tenha tido origem no latim vulgar, a partir do qual se estendeu territorialmente.

Catalão – jamai - mai

Italiano – giamai – mai

E destacamos aqui, um fenómeno curioso que aproxima ainda mais a expressão ‘nulla res nata’ de ‘ja mais nom’: em Catalão e Italiano, a forma adverbial original dá lugar a uma forma mais reduzida em que subsiste apenas o advérbio de intensidade original. Assim sendo, e tal como ocorre com ‘nada’, também aqui a tripartição original acaba por se transmutar num único item que engloba todos os sentidos:

(nulla) res nata - (res) nata - nada

ja mais nom - ja mais - mai

O português não conhece esta evolução. Nele, o advérbio cristalizou-se na forma ‘jamais’ que engloba, de forma autónoma, todos os valores veiculados pela expressão original. Isto é notório sobretudo nos textos setecentistas, que reflectem já, na sua grande maioria, e ao contrário do que sucede nos séculos anteriores, a polaridade negativa associada directamente e apenas a este advérbio. Parece-nos, portanto, que terá sido esta a fase de cristalização semântica do advérbio ‘jamais’, tal como hoje o conhecemos.

Bibliografia:

- ALI, Manuel Said. 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- ALVAR, Manuel e POTTIER, Bernard. 1983. *Morfología Histórica del Español*. Gredos, Madrid
- BLOCH, O. E Wartburg, W. Von. 1968. *Dictionnaire Etimologique de la Langue Française*. Paris: P.U.F.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- COROMINAS, Joan. 1984. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos.
- COUTINHO, Ismael de Lima. 1938. *Pontos de Gramática Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CRUZEIRO, M^a Eduarda. 1973. *Processos de intensificação no português dos séculos XIII a XV*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- ERNOUT, A. 1945. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck.
- ERNOUT, A e Thomas, F. 1972. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck.
- HOPPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- HORTA, Brandt. s.d. *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editores J. R. de Oliveira.
- HOUAISS, Antônio. 2003. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- HUBER, Joseph. 1986. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MACHADO, José Pedro. 1977. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, Ana Maria. 1997. “Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas: Da natureza de palavras como *nenhum, nada, ninguém*”. *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, editado por Ivo Castro. Vol. 2: *Linguística Histórica e História da Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 179-210.
- MARTINS, Jaime de Sousa. s.d. *Elementos de Gramática Histórica*.

São Paulo: Companhia Editora Nacional.

MONLAU, P. F. 1946. *Diccionario etimológico de la lengua castellana*. Buenos Aires: Joaquin Gil.

MOTA, Othoniel. 1937. *O Meu Idioma*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

NASCENTES, Antenor. 1952. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Académica.

NUNES, José Joaquim. 1989. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa: Clássica Editora.

SEQUEIRA, F. J. M.. 1943. *Aspectos do Português Arcaico*. Lisboa: União Gráfica.

SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins. 1938. *Gramática de português*. Lisboa: Livraria Popular.

SILVA JUNIOR, Manuel Pacheco. 1878. *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Typ. A Vapor de D.M. Hazlett.

SILVA JUNIOR, Manuel Pacheco e ANDRADE, Lameira. 1887.

Grammatica da Lingua Portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. VASCONCELLOS, António Garcia Ribeiro. 1900. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Paris/Lisboa: Aillaud, Alves.

VASCONCELOS, José Leite. 1911/1959. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.

Corpora

MAGNE, A. (ed.). 1944. *A Demanda do Santo Graal*, V. I-III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

MARTINS, Ana Maria (ed.). 2000. *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

NUNES, J. 1926-28. *Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses*. Ed. Crítica, v. II. Coimbra: Imprensa da Universidade.

PIEL, Joseph. 1948. *Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram - Infante D. Pedro*. (trad.). Coimbra: Universidade de Coimbra.

DAVIES, Mark e Ferreira, Michael. *Corpus do Português*. In <http://www.corpusdoportugues.org/>